

A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E O SUJEITO UBERIZADO EM TEXTOS HUMORÍSTICOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-SOCIOLÓGICA

Fernanda Tiemi Suda

fernandasuda@estudante.ufscar.br

<http://lattes.cnpq.br/1247117920351641>

Ilka de Oliveira Mota

ilka.mota@ufscar.br

<http://lattes.cnpq.br/9991950104035858>

RESUMO

O artigo analisa textos humorísticos que abordam o tema da uberização do trabalho e o sujeito uberizado, procurando compreender o modo de funcionamento discursivo, considerando aí os efeitos de sentidos que os tecem. Para isso, apoia-se na perspectiva discursiva da linguagem na interface com os estudos de Freud (1989) sobre o campo da comicidade e com a Sociologia do Trabalho (ANTUNES, 2019). A análise evidenciou que o discurso humorístico, por meio do chiste, humor ou cômico, escancara as condições precárias da uberização do trabalho, e o cartunista comparece como porta-voz da causa do trabalhador uberizado, chamando-o à luta.

Palavras-chave: uberização do trabalho; humor; resistência.

Introdução

Nas últimas décadas, temos assistido a mudanças decisivas nas condições de (re)produção do Capital, o que é possível perceber, entre outros, pelas novas modalidades das forças produtivas adotadas no mundo todo. "Autogestão, autoempreendedorismo, infotrabalho, trabalho intermitente, criptomoeda, uberização, proletariado de serviços e servidão digital" (ADORNO; NOGUEIRA, 2020) são algumas das designações criadas na contemporaneidade a partir dessa nova realidade histórica no contexto do trabalho, realidade essa que tem o digital como maior aliado.

O trabalho uberizado, que se materializa nos serviços das empresas de *call-center*, telemarketing, hipermercados, *fast-food*, *motoboys*, indústria hoteleira etc., tem comparecido, na narrativa do capital contemporâneo, como libertador, atraente e lucrativo para a sociedade em geral. Ao longo dos últimos tempos, o digital, na forma das plataformas digitais e de aplicativos, tem favorecido sobremaneira a uberização como forma produtiva

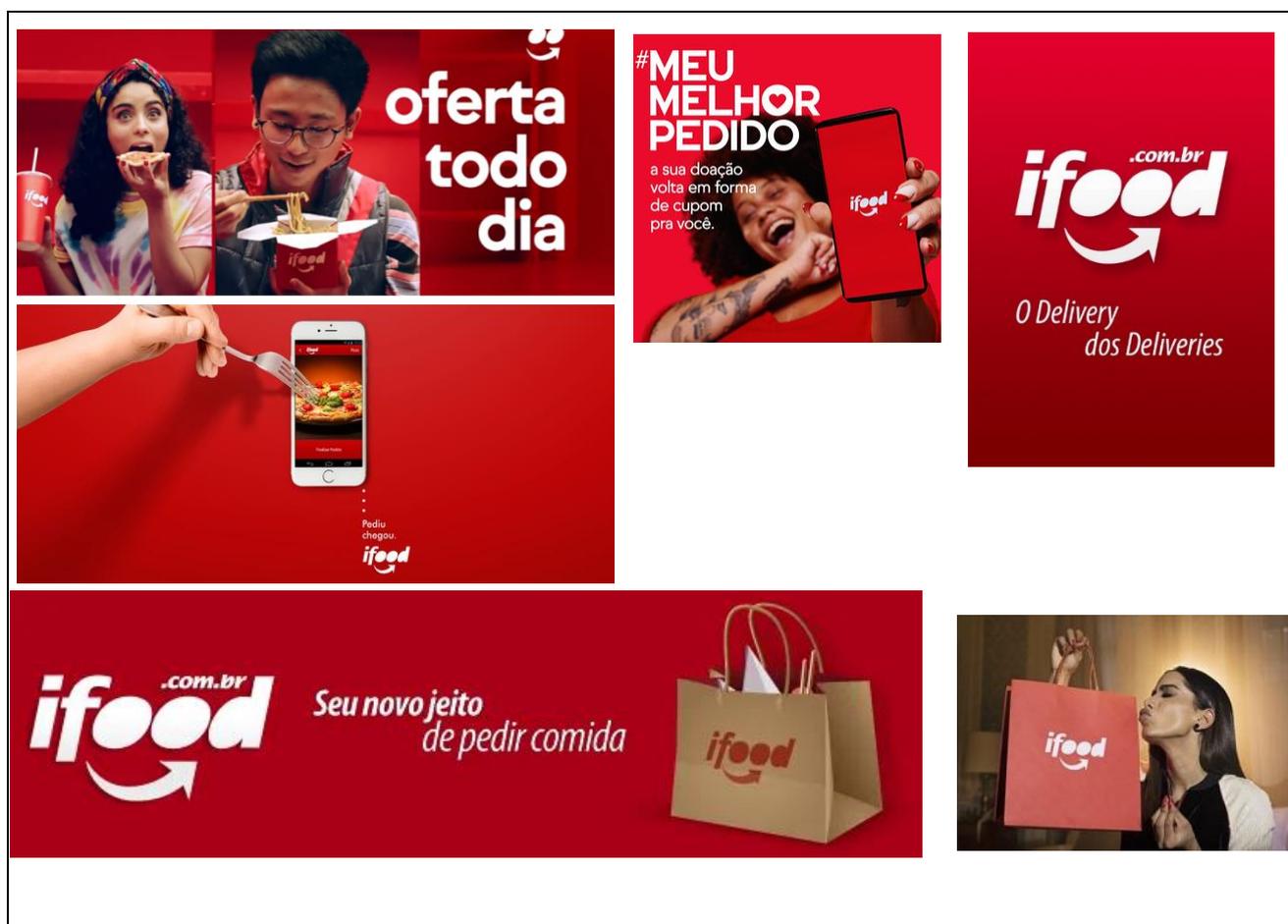
do trabalho graças às novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Trata-se de uma realidade social, histórica e econômica incontornável que tem afetado a todo(a)s, interpelando ideologicamente os sujeitos na história. Basta estar conectado à internet e um “simples” click no botão “CONFIRMAR PEDIDO” permite chegarem aos lares das pessoas encomendas das mais variadas: livros, comidas, computadores, roupas, remédios, produtos de beleza, entre muitos outros. Nessa nova forma de organização do trabalho, apaga-se o fato de que, para receber uma mercadoria, milhares de pessoas são exploradas cotidianamente pelas grandes corporações especialistas em entrega. Essa é a dinâmica expansionista do capital que se constitui por ser “um processo sucessivo e intenso de expropriação e de transformação dos meios de vida – natureza, saúde, educação, previdência social, habitação entre outros – em capital, sujeitando cotidianamente a classe trabalhadora” (MOTTA; EVANGELISTA; CASTELO, 2021, p. 1).

O presente artigo analisa textos humorísticos que trazem em seu bojo o tema da uberização do trabalho, procurando compreender o modo de funcionamento discursivo, considerando aí os efeitos de sentidos e a memória discursiva. Vale dizer que são textos que têm forte circulação na internet em geral e, em especial, nas redes sociais Facebook e Instagram. Para melhor esclarecer, trata-se de cinco charges de cartunistas brasileiros: Aroeira (2020), Quinho (2021), Cazo (2020), Zé da Silva (2020) e V.T. (2019). Para tanto, apoiamo-nos na perspectiva discursiva (materialista) da linguagem na interface com os estudos de Freud sobre o campo da comicidade e a Sociologia do Trabalho.

O digital, a uberização e o trabalhador uberizado

Dentre os oligopólios digitais que têm triplicado as suas riquezas na atualidade estão: *Ifood*, *Uber Eats*, *Raffi*, só para citar três empresas do ramo alimentício, foco de nosso interesse neste artigo. Estamos todo(a)s inseridos nessa rede global e perversa da uberização que consome vidas, o tempo e os direitos dos trabalhadores. Como pondera Marx (2017, p.116), a produção capitalista é “[...] uma dissipadora de seres humanos, de trabalho vivo, uma dissipadora não só de carne e sangue, mas também de nervos e cérebro.”.

Vale dizer que, embora essa nova forma de trabalho consuma as forças, o tempo e os direitos dos trabalhadores, o discurso publicitário mascara as reais condições (sociais e econômicas) pelas quais eles são expostos, produzindo a ilusão de algo positivo e bom para todos, incluindo aos próprios trabalhadores – é bom que haja trabalho ainda que seja precarizado. Além de reforçar a ideia da uberização como um estilo de vida moderno, atual, há ainda um elogio (exaltação) ao modo de consumo próprio da produção capitalista. As propagandas publicitárias que trazemos a seguir exemplificam bem isso que estamos afirmando:



Fonte: Sites diversos

Em seu filme “Sorry, we missed you”¹, o cineasta britânico Ken Loach retrata bem os mecanismos de supervalorização do consumo e do emprego autônomo e seu modo de apagamento da realidade brutal que a “economia gig” vem ditando em nossos dias: a difusão das várias formas de desregulamentação das relações de trabalho². Como bem afirmam Antunes e Figueiras (2020, p. 29): “Mascarar, e assim negar o que efetivamente significam, tem sido um ingrediente central para o dito sucesso das plataformas e aplicativos”. Essa afirmação é exemplificadora do recorte que apresentamos acima.

O filme nos permite fazer elucubrações sobre a época do taylorismo-fordismo – em que havia relativas estabilidade e seguridade social – até os dias atuais nos quais houve a sua dissolução em grande parte, transformando em privilégio de poucos aquilo que deveria ser um direito de todo o trabalhador que tira seu sustento da força de seu labor. Temos aí uma nova forma de extração de valor do trabalho humano e, ao mesmo tempo, a ascensão de uma forma brutal de reificação e de alienação que se faz, em grande medida, pela ausência do vínculo empregatício. No caso do discurso publicitário, por meio de seus diversos textos propagandísticos, promovem um verdadeiro apagamento dessa realidade perversa.

Vale trazer para a reflexão o modo de funcionamento daquilo que se denomina hoje de “uberização do trabalho” e “sujeito uberizado”. A forma denominada “uberização do trabalho” consiste no mascaramento de relações assalariadas, que comparecem, no fio do discurso, sob o efeito de “trabalho do empreendedor”, do trabalho do prestador de serviços, resultando em precarização do trabalho e eliminação de direitos. A precarização do trabalho é um conceito importante que, segundo Soares (2019), está relacionado “às distintas formas de rebaixamento salarial, degradação das condições de trabalho, retirada de direitos

1 “Você não estava aqui”, na tradução brasileira.

2 Em síntese, a aludida narrativa fílmica é construída em torno de uma família proletária (os Turner), pobre e endividada, que vive em Newcastle. O pai, Ricky, é um ex-empregado da construção civil que, seduzido pela promessa de “ser o próprio patrão”, acaba se tornando motorista franqueado de uma grande empresa de entregas expressas. A mãe, Abby, é cuidadora de idosos autônoma que realiza serviços domiciliares. A trama se dá a partir das dificuldades que pai e mãe enfrentam para lidarem com o cotidiano, em particular a educação dos dois filhos, sob a pressão de seus empregos precarizados. Do transporte compartilhado às entregas em geral, passando pelos serviços em domicílio e demais vínculos flexíveis, tudo parece sintetizado nas desventuras dessa família. (NORITOMI, 2020).

trabalhistas historicamente conquistados e fragmentação da classe operária atingindo homens e mulheres.” (SOARES, 2019, p. 295)

Dito de outro modo, essas novas formas de trabalho interditam a regulação protetiva, o que resvala na exploração do trabalho e na precarização de suas condições (ANTUNES; FIQUEIRAS, 2020).

Citando Pêcheux (1988), como só há causa daquilo que falha, ainda que a uberização conduza à fragmentação, à exploração, à individualização, à intensificação do trabalho, “esse processo, essa intensidade, esse ritmo e essa superexploração do trabalho acabam gerando formas de solidariedade, de sociabilidade” – e de resistência, acrescentaríamos – como, por exemplo, a paralização global da Uber, em maio de 2019, citada por Antunes (2019) em entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos.

Por sua vez, o termo “sujeito uberizado” é atribuído aos trabalhadores que seguem o “contrato de zero hora”, tal como foi adotado na Inglaterra (“*zero-hour contract*” em inglês), ou “recibos verdes” em Portugal, ou ainda “voucher” na Itália até 2017, e por aí seguem as versões dessa forma de trabalho nos países que adotam uma agenda neoliberal em sua faceta mais cruel. Todas elas são modalidades de trabalho intermitente, nas quais os trabalhadores são remunerados de acordo com as horas trabalhadas, o que significa dizer que, nessa lógica empresarial contemporânea sustentada pelo Aparelho Digital (ADORNO; NOGUEIRA, 2020), o tempo de espera não é considerado trabalho³. Esse é um ponto fundamental dessa e nessa nova forma de organização do trabalho: enquanto os direitos trabalhistas são aniquilados, produz-se a ilusão de que o sujeito é empresário dele mesmo, o dito “empreendedor”, e, por tabela, “parceiro” da organização, resultando na diluição da figura do trabalhador.

3 Esse sujeito, o sujeito uberizado, parece ser uma espécie de Sísifo pós-moderno. Vale lembrar que o rei grego foi condenado pelos deuses a subir uma montanha empurrando uma pedra pesada. Quando chegava ao topo, a pedra escorregava de suas mãos e rolava de novo até o chão. Sísifo tinha que carregá-la de volta montanha acima, incansável e repetidas vezes, infinitamente. Deslocando esse mito para os dias atuais, temos que o tempo gasto para ir ao encontro da pedra não é computado como trabalho, daí a precarização do trabalho e da vida: o trabalho só é pago quando o sujeito leva a pedra para o topo da montanha, isto é, quando é acionado pelo sistema do app e passa a ser computada a sua entrega (no caso dos entregadores de empresas como *Ifood*, *Uber Eats*, e outras).

Vale abrir um parêntese para lembrar duas análises sobre esse funcionamento do sujeito como empresa. Adorno (2015) desenvolve um interessante trabalho a respeito do “eu” discursivizado como uma “empresa”. Nessa mesma direção, Bomardelli (2019, p. 85) afirma que “O sujeito trabalhador, agora deslocado para sujeito empresário, é aquele que encarna a memória do empreendedorismo, nas condições econômicas do neoliberalismo, que se submete às regras da empresariabilidade”.

Ao degradar a vida no trabalho, esse mecanismo retórico, característica fundamental da era informacional-digital, se aproxima muito daquilo que se viveu na era da revolução industrial. Para Antunes e Figueiras (2020, p. 6), as plataformas digitais impõem comumente os trabalhadores “o rótulo de autônomo/as, sendo o trabalhador/a remunerado por tarefa ou lapsos temporais mínimos (como horas), sem qualquer garantia de jornada e de remuneração, o que acarreta implicações importantes na dinâmica da gestão e controle da força de trabalho (dada a ausência de compromisso explícito de continuidade.”

Assim, embora haja uma forte exaltação das liberdades individuais na retórica desse novo maquinário de trabalho instalado na contemporaneidade, nunca na história o tempo se fragmentou tanto a ponto de se aproximar do trabalho escravo. A esse respeito, Benardi Bifo (2010, p. 27, *apud* ANTUNES, 2019) assevera: “Ninguém mais pode dispor de seu próprio tempo. O tempo não pertence aos seres humanos concretos (e formalmente livres), mas ao ciclo integrado do trabalho”, o que nos faz lembrar a célebre afirmação de Marx (2011, p. 312), qual seja: “O capital não tem a menor consideração pela saúde ou duração da vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade o força a respeitá-la.” Daí a necessidade de resistência.

Para terminar essa seção, importa dizer que consideramos o digital (ou, se quiser, plataformas digitais ou app) como discurso, tal como concebe Dias (2018), discurso que tem efeitos consequentes nas relações sociais, econômicas e políticas, produzidas pelo digital e suas tecnologias como determinação histórica dos modos de produção da existência. Levando em consideração a forma de nossa sociedade capitalista, temos que o próprio capitalismo, na atualidade, se sustenta sobre o digital e as plataformas tecnológicas globais, como assevera Dias (2020). Para Morozov (2018, p. 7), a tecnologia digital é, entre outros, “um emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado

e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos”. Nessa via, compreender o funcionamento do digital na relação com o trabalho é compreender “os efeitos de sentidos das tecnologias digitais, da não neutralidade das tecnologias, que funcionam enquanto determinação das relações sociais e políticas, cotidianas, enfim, daquilo que está na base da constituição dos sujeitos, enquanto materialidade dos saberes, das práticas políticas, sociais e discursivas dos sujeitos” (DIAS, 2020, p. 113).

Discurso, humor e resistência

Para a Análise de Discurso (AD doravante) de cunho materialista, o discurso é efeito de sentidos entre locutores historicamente situados, lugar discursivo a partir do qual é possível observar a relação entre língua e ideologia. Tal relação constitui no dizer regiões de sentidos, de interpretação ou, como em AD denominamos, Formações Discursivas (FDs), que correspondem às diferentes formações ideológicas de uma formação histórica. Cada FD é um domínio de saber que, de acordo com Courtine (1982, p. 249-250), funciona como “[...] um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (determina ‘o que pode e deve ser dito’) e também como princípio de exclusão do não dizível”. Assim, ao enunciar, o sujeito se projeta imaginariamente na forma-sujeito da FD que o domina, assumindo seus sentidos enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas (PÊCHEUX, 1988). O que está em questão é a posição-sujeito, não “[...] uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 1999, p. 49).

Discursivamente, onde há censura há possibilidade de falha, de resistência, isso porque a linguagem é passível de jogo, equívocos e deslocamentos que permitem a divergência. Um dos principais modos de resistência à essa forma de trabalho precarizado na pós-modernidade se encontra em charges, piadas e tirinhas.

Todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes ou, dito de outro modo, as lutas sociais produzem efeitos sobre as práticas linguísticas e extralinguísticas, como as duas charges a seguir deixam ver:

Charge 1: Zé Dassilva (28 jun. 2020)

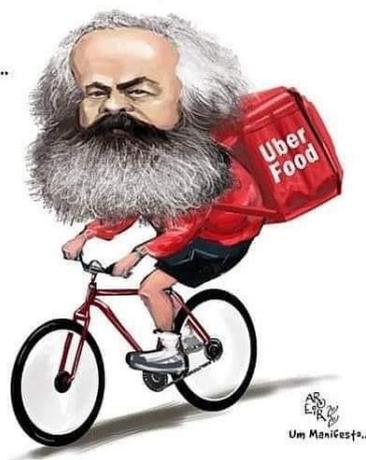


Fonte:

Charge 2: Aroeira (30 jun. 2020)

PRECARIZADOS DO
MUNDO, CORRENDO O
RISCO DE ME REPETIR...

UNI-VoS!



Fonte: TV Brasil 247 (2020)

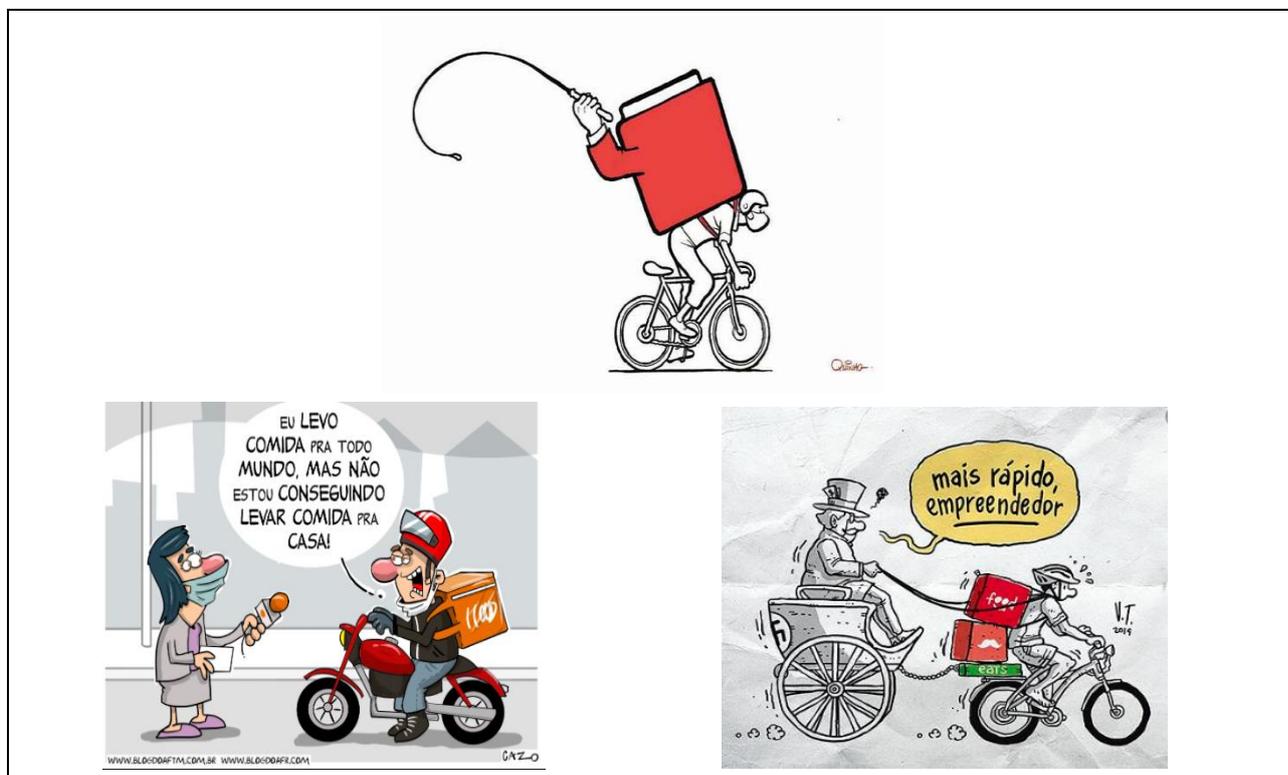
Na charge 1, o artista expõe as condições precárias dos uberizados no contexto da pandemia da COVID-19. No plano imagético, vê-se um entregador em pleno exercício de seu trabalho, montado em sua bicicleta e uma mochila térmica da Uber. Ele aparece dirigindo sobre uma corda bamba em meio a milhares de vírus Sars Cov 19. A corda bamba é um signo que representa imageticamente o risco ao qual os entregadores estão expostos, intensificado pela pandemia, que é o foco da charge. Em sua formulação icônica, mais que

produzir humor, a charge traz um tema sério – as condições precarizadas de trabalho dos entregadores no contexto da pandemia – com um tom de denúncia.

Diferentemente da primeira, a charge 2 é verbovisual. Desta vez, é o próprio Marx que representa a figura do sujeito uberizado (entregadores), denunciando a precarização a que está submetido: “Precarizados do mundo, correndo o risco de me repetir ... UNI-VOS!”. O cartunista faz uma referência explícita ao “Manifesto Comunista”, de Karl Marx, e ao último enunciado do livro: “Proletários do mundo: uni-vos!”, mas alterando “Proletários” para “Precarizados”, categoria sociológica na qual se enquadram os trabalhadores uberizados. Em resumo, na alteração “Proletários” para “Precarizados”, o chargista, inscrito em uma formação discursiva que sinaliza identificação ideológica com as causas trabalhistas dos entregadores, se posiciona como uma espécie de porta-voz dos entregadores: além de denunciar o trabalho precarizado, convidando-os explicitamente à luta. A mobilização da obra de Karl Marx na charge aguça e materializa o convite.

Observemos as três charges que seguem:

Charges 3 (2021), 4 (2020) e 5 (2019)



A charge 3 é um chiste visual construído pela fusão de dois elementos: a mochila térmica (elemento que simboliza o entregador) e o chicote, fusão esta que resulta de uma crítica explícita à uberização como uma forma de trabalho escravizante. A mão com o chicote é uma clara alusão à exploração do Capital que se traveste na forma de trabalho uberizado.

Na charge 4, há a produção de dois funcionamentos humorísticos, o cômico e o humor, tal como Freud (1989) os concebe. O cômico está inscrito no texto e no traçado, isto é, na expressão dos personagens, repórter e entregador. O humor [*Galgenhumor*] é garantido pelo jogo semântico contraditório entre “levar comida pra todo mundo” > e “[não conseguir] levar comida pra casa”. Na charge, o entregador queixa-se do fato de não conseguir levar comida para a casa, denúncia explícita das condições da uberização do trabalho. A fala do entregador economiza um afeto doloroso [não conseguir levar comida pra casa] em proveito do prazer humorístico. Conforme Freud (1989), trata-se de um mecanismo defensivo de resistência política do sujeito. O humor desestabiliza e desconstrói os sentidos da adversidade (o próprio trabalho). Para Kehl (p. 202, p. 178), “[...] o humor aparece revestido de certo heroísmo, caracterizado como coragem de rir, e de fazer rir, diante de circunstâncias que nos parecem trágicas”. Parafraseando Freud (1989), há um distanciamento entre o comentário e a situação “real” do entregador como fator que produz uma reação de riso, numa situação em que seriam esperadas lágrimas.

Finalmente a charge 5 traz ironia na caracterização do uberizado como “empreendedor”, tal como ele é comumente denominado pelo discurso publicitário e empresarial principalmente. Enunciado pelo explorador capitalista, o sintagma no imperativo “Mais rápido, empreendedor!” é usado como ironia e sarcasmo, já que se trata de superexploração nazista – veja o símbolo da suástica no canto inferior esquerdo da charge – sinalizando verdadeira escravização, ideologia do “arbeit macht frei”, “o trabalho liberta”.

Com base em nossa pesquisa erigida a partir do aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de cunho materialista na interface com os estudos da Sociologia do Trabalho (ANTUNES, 2019), o humor, tal como é materializado nas charges sobre a

uberização do trabalho e o sujeito uberizado, não é uma “mera brincadeira”, como Freud (1989) bem explicitou em sua notável obra “Os Chistes e sua relação com o inconsciente”, uma vez que ele implica relações subjetivas, sociais e culturais⁴. Ele é arma e defesa da subjetividade (MOTA, 2018) e, em nosso caso, denúncia das condições escravizantes do trabalho, ao mesmo tempo que se coloca em defesa do trabalhador e de condições laborais mais humanas ao sujeito uberizado.

Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivo analisar textos humorísticos (charges brasileiras) que abordam o tema da uberização do trabalho e o sujeito uberizado, procurando compreender o modo de funcionamento discursivo, considerando aí os efeitos de sentidos que estão em sua base. Para isso, apoiou-se na perspectiva discursiva da linguagem na interface com os estudos de Freud sobre o campo da comicidade e da Sociologia do Trabalho (ANTUNES, 2019, entre outros).

Em síntese, a partir de diferentes formas de elaboração imagético-textual, as charges que constituíram o corpus de análise da presente pesquisa denunciam a precarização do trabalho uberizado, explicitando as condições perversas dessa nova forma de trabalho pós-moderna, característica da economia gig (*gig economy*).

A resistência das/nas charges mostra, de forma visual e verbovisual, o que os oligopólios de apps digitais, bem como o discurso publicitário e empresarial que os apoia silenciam e censuram: eles apresentam, de modo dissimulado, o trabalho uberizado como uma forma de trabalho legítimo, libertador, compensador para o entregador e a sociedade em geral, apagando a precarização que essa forma de trabalho promove e, por sua vez, a concentração de riqueza (lucro) produzida aos grandes empresários, os reais interesses econômicos do empresariado burguês.

4 Como temos dito sobre o humor, não negamos que ele está relacionado ao lúdico, ao prazer e ao poético; nossa posição é a de que mesmo esse seu lado não faz dele “mera brincadeira”, fruto de uma imaginação ingênua ou de pura descontração sem implicações para a constituição dos sujeitos e dos sentidos na história, na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Guilherme. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2015.

ADORNO, Guilherme; NOGUEIRA, Luciana. **O sujeito discursivizado como empresa no youtube: trabalho e condições (digitais) de produção**. 9: 1-7. Anais do SEAD, 2020.

ANTUNES, Ricardo; FIGUEIRAS, Vitor. **Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo**. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **“Uberização” do trabalho: caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio**. [Entrevista concedida ao] Instituto Humanitas Uniensino. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591102-uberizacao-nos-leva-para-a-servidao-diz-pesquisador>. Acesso em: 29 de maio de 2021.

BOMBARDELLI, Joel. **Sujeito, sociedade, neoliberalismo e sentido no discurso da contabilidade**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem – PPGCL, Universidade do Vale do Sapucaí. Pouso Alegre: Univás, 2019.

DIAS, Cristiane. Considerações sobre o texto pelo digital. In: **Língua, ensino e tecnologia**. Organizadoras: Claudia Pfeiffer, Juciele Pereira Dias e Luciana Nogueira. 1ª. Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

FREUD, Sigmund. (1905). “El Chiste e su Relación con lo Inconciente”. In: *Obras Completas*, v. 8. 2ª ed. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MOTA, Ilka de Oliveira. **Humorless approach: análise discursiva de quadrinhos de humor em livros didáticos de inglês como língua estrangeira**. São Paulo, SP: Editora Appris, 2018.

MOTTA, Vania; EVANGELISTA, Olinda; CASTELO, Rodrigo. **Determinações do capital, empresariamento, educação pública no Brasil**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v.13, n.1, p.1-8, abr. 2021.

MOROZOV, Evgeny. **A ascensão dos dados e a morte da política**. Big Tech. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NORITOMI, Roberto. **Você não estava aqui**. Comentários sobre o novo filme do cineasta inglês Ken Loach. [Entrevista concedida ao] Instituto Humanitas Uniensino. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597116-voce-nao-estava-aqui-comentario-sobre-o-novo-filme-do-cineasta-ingles-ken-loach . Acesso em: 31 de maio de 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas, Pontes, 1999.

PECHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2ª. Ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora Pontes, 1983 [1990].

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi e outros. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. Anexo III, p. 293-307. Edição original: 1988.

_____. [1977]. *As massas populares são um objeto inanimado?* Em: **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, Pontes, 2011.

SOBRE AS AUTORAS:

Discente do 4º ano do curso de Administração com linha de formação em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Lagoa do Sino.

Docente Associada II da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Lagoa do Sino, Buri, SP, Brasil. Possui mestrado em Linguística, doutorado em Linguística Aplicada e pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/IEL).